

**CONTO E CORDEL DE JARID ARRAES: POSSÍVEIS
DIÁLOGOS EM NARRATIVA DE RESISTÊNCIA¹**

**TALE AND CORDEL BY JARID ARRAES: POSSIBLE
DIALOGUES IN A NARRATIVE OF RESISTANCE**

Raimunda Nonata Martins de Oliveira²
<https://orcid.org/0000-0003-1046-9315>

Patrícia Gissoni de Santiago Lavelle³
<https://orcid.org/0000-0002-7466-4999>

Enviado em: 03/11/2024

Aceito em: 22/01/2025

Publicado em: 08/02/2025

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma vertente da pesquisa de dissertação, em andamento, que busca investigar como a representação feminina é esteticamente figurada e elaborada na obra *Redemoinho em dia quente* (2019), livro de contos da escritora contemporânea Jarid Arraes. Sobre a faceta apresentada aqui, propõe-se um diálogo entre o conto *Mais iluminada que as outras* e o cordel *Zacimba Gaba*, ambos da autora Jarid Arraes. O conto é narrado por uma voz feminina que parece refletir sobre sua própria imagem e identidade. Inicialmente há a descrição dos membros e aspectos físicos do corpo do sujeito narrador, conduzindo o leitor para uma reflexão sobre como esse corpo ocupa o espaço em que se encontra e como ele ativa a memória de um lugar outro do qual só ouviu falar e, posteriormente, leu sobre esse espaço, bem como a relação estabelecida com os seus ancestrais que forma sua identidade. Ou seja, o corpo é dispositivo revelador dos desafios enfrentados pelas pessoas negras (Ratts/Nascimento, 2006), assim como no cordel *Zacimba Gaba*, que canta a história da heroína que lutou bravamente para libertar muitos negros da escravidão atacando navios negreiros que pretendiam desembarcar no porto do estado do Espírito Santo.

¹ Este trabalho é resultado preliminar de uma pesquisa, em andamento, desenvolvida com o apoio da agência de fomento Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

² Mestranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPG PUC-Rio); Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (IFRJ); Licenciada em Letras - Português/Literaturas (UFRJ).
nonata2015@gmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Letras da PUC-Rio, atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, que atualmente coordena. Tem doutorado em Filosofia pela EHESS-Paris e mestrado em História pela PUC-Rio. Lecionou como professora convidada na École Normale Supérieure de Paris (ENS-Paris) em 2019 e na EHESS, em diversas ocasiões, e é pesquisadora associada ao centro de pesquisa francês Transferts culturels (ENS-Paris/CNRS).
patricia.g.lavelle@gmail.com

O diálogo proposto neste trabalho traz uma investigação sobre a semelhança entre as formas de resistência das quais os personagens se apropriam. No conto, a narradora recorda a história do catraieiro conhecido como Dragão do mar e, no cordel, a heroína Zacimba Gaba tem, em suas ferramentas de luta, as mesmas estratégias usadas pelo catraieiro para resistir aos desafios impostos pelo opressor. Portanto, propõe-se uma leitura de dois gêneros textuais diferentes que se assemelham na narrativa de manutenção e ruptura da tradição literária.

Palavras-chave: Narrativa de resistência. Jarid Arraes. Conto e cordel.

Abstract: The present work aims to present an aspect of the dissertation research, in progress, that seeks to investigate how the female representation is aesthetically figured and elaborated in the work *Redemoinho em dia quente* (2019), book of short stories by contemporary author Jarid Arraes. On the facet presented here, a dialogue is proposed between the short story *Mais iluminada que as outras* and the cordel *Zacimba Gaba*, both by author Jarid Arraes. The tale is narrated by a female voice that seems to reflect on her own image and identity. Initially, there is a description of the limbs and physical aspects of the narrator's body, leading the reader to reflect on how this body occupies the space in which it is located and how it activates the memory of another place that it has only heard of and, subsequently, , read about this space, as well as the relationship established with their ancestors that forms their identity. That is, the body is a device that reveals the challenges faced by black people (Ratts/Nascimento, 2006), as well as in the Zacimba Gaba string, which tells the story of the heroine who fought bravely to free many black people from slavery by attacking slave ships that intended to disembark in the port of the state of Espírito Santo. The dialogue proposed in this work brings an investigation into the similarity between the forms of resistance which the characters appropriate. In the tale, the narrator recalls the story of the boatman known as Dragão do mar and, in the cordel, the heroine Zacimba Gaba has in her fighting tools the same strategies used by the boatman to resist the challenges imposed by the oppressor.

Key words: Resistance narrative. Jarid Arraes. Tale and cordel.

Introdução

O presente trabalho tem como finalidade dissertar sobre um possível diálogo entre dois textos pertencentes a diferentes gêneros da autora Jarid Arraes. Para tanto, tem como objeto de estudo o conto *Mais iluminada que as outras*, presente na obra *Redemoinho em dia quente* (2019) e o cordel *Zacimba Gaba*, presente na coletânea *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* (2020). Contando com o auxílio luxuoso do ensaio intitulado *Corpo/mapa de um país longínquo - Intelecto, memória e corporeidade* (Ratts, 2006) para fortalecer as questões que serão abordadas aqui. Em suma, pretende-se compreender como o conceito de corpo-documento é apresentado nos textos de Arraes, tendo como base discursiva o tripé: corpo - espaço - identidade.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

O conto intitulado *Mais iluminada que as outras* é narrado por uma voz feminina que parece dialogar ou fazer uma reflexão sobre sua própria imagem. Inicialmente há uma descrição dos membros e aspectos físicos do corpo do sujeito narrador, conduzindo o leitor para uma reflexão sobre como esse corpo ocupa o espaço em que se encontra e como ele ativa a memória de um lugar outro do qual só ouviu falar e, posteriormente, leu sobre esse espaço, bem como a relação estabelecida com os seus ancestrais que forma sua identidade.

O cordel denominado *Zacimba Gaba*, é o último poema dos títulos pertencentes à coletânea *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis* (2020) que teve sua primeira edição lançada em 2017 com a pretensão de tornar mais conhecidas mulheres negras que foram protagonistas de sua história em seu tempo, mas que ficaram apagadas no registro histórico oficial do Brasil. O poema narra a trajetória da heroína Zacimba Gaba, princesa de Cabinda que foi trazida para o Brasil no sistema escravocrata e lutou pela sua libertação e de seus companheiros.

O principal texto utilizado como aporte teórico é o ensaio *Corpo/mapa de um país longínquo - Intelecto, memória e corporeidade* que se encontra no livro denominado *Eu sou atlântica - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* do professor e antropólogo Alex Ratts (UFG). Aqui o foco principal para embasar a discussão é o tópico *corpo-documento: identidade* contido no ensaio já citado, onde o autor disserta sobre o conceito elaborado pela historiadora Maria Beatriz Nascimento que aponta o corpo como um dispositivo revelador dos desafios enfrentados pelas pessoas negras e que esses corpos carregam em si a história do povo negro, uma memória de luta, mas também as alegrias que revelam a identidade de um povo.

Mais iluminada que as outras

O conto principia com a enumeração dos membros do corpo e, logo no início, chama atenção o trecho “duas mãos que me são muito úteis” (p.37) que traz a reflexão

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

de como o corpo negro é quase sempre associado ao trabalho braçal, geralmente é precarizado e mal remunerado (faxineira, empregada doméstica, entregador, etc), sendo-lhe negado o reconhecimento de outras habilidades intelectuais. Em seguida, a adjetivação do seu corpo gera uma auto imagem animalesca “um corpo faminto, dentado, cruel, capaz e violento.” (p.37) onde é possível perceber a força e o sofrimento que esse corpo revela, portanto, um corpo que tem registrado em si as marcas de experiências de violência.

No parágrafo seguinte a memória é ativada no trecho “Dizem e eu ouvi, mas depois também li” (p.37), além de ativada essa memória é também legitimada pela leitura, ou seja, a História registrada oficialmente. Então a narradora descreve o que aprendeu sobre o lugar onde vive, ouviu dizer que esse lugar se chama terra da luz porque foi o primeiro no país a proibir a entrada de navios carregados de pessoas escravizadas. A partir dessa informação, o eu lírico passa a refletir sobre o espaço, ou seja, o lugar onde nasceu e cresceu “Caminhar neste corpo, por essas ruas, é um infinito cansaço” (p.37), uma vez que o lugar onde vive não corresponde ao que lhe disseram e ao que ela leu posteriormente, confirmando no parágrafo seguinte.

Ressalta-se, aqui, que a informação do lugar se chamar terra da luz cuja narradora se refere é a história de Francisco José do Nascimento, um jangadeiro que liderou a greve dos trabalhadores do porto de Fortaleza e contribuiu para a interromper a entrada ilegal de escravizados no estado do Ceará - conhecido como dragão do mar, Chico da Matilde cravou seu nome na História. Porém, o que a narradora parece destacar é que o trabalho do catraieiro dragão do mar não foi suficiente para libertar os escravizados e que os corpos negros ainda habitam esse lugar e que ainda carregam as marcas da história dos seus antepassados.

No trecho “Eu ouvi e li, porque me disseram, que essa terra foi mais iluminada que as outras. Já que os corpos navegados foram libertos quatro anos antes dos demais. No entanto, meus ouvidos captaram superficialidades” (p.37), há a confirmação da proposição, apontada acima, acerca da memória ativada e legitimada pela leitura, pela

História. Entretanto, a conjunção adversativa ‘No entanto’ demonstra que há um outro lado da história que não está no livro para ser lido, justamente o lado que corresponde à sua realidade e ao que está documentado em seu corpo, e não ao que está registrado nos livros. A partir desse trecho, é possível estabelecer o diálogo com a história de Zacimba Gaba que é semelhante à história do dragão do mar, uma história de luta que não está registrada na História oficial ou nos livros acessíveis para a narradora da terra mais iluminada que as outras, essa história vive somente na oralidade.

Sobre o jangadeiro a narradora diz “Eu ouvi e li, porque me disseram”, mas não leu sobre Zacimba Gaba - uma princesa escravizada que lutou comandando emboscadas para libertar escravizados dos navios negreiros que vinham ancorar na região onde vivia. Sobre a luta de mulheres como ela que têm características corporais parecidas com as suas, a narradora não estudou nem leu nos livros. Portanto, o conto questiona todo o restante da história do povo negro que não foi contada oficialmente e precisa ser resgatada a partir de uma memória ancestral que é acessada através de uma reflexão que tem como ponto de partida o corpo da narradora.

A narradora parece se questionar, também, sobre o espaço em que vive, pois seu corpo tem determinadas características (cor, cabelo, estatura, narinas, etc.) que revelam a presença de negros na região em que vive desde muito antes de seu tempo, contudo, os livros não registraram essa presença “eu nunca levantei a mão durante a aula e perguntei: professora, existiu escravidão no Cariri?” (p. 38). Ao refletir sobre o espaço em que vive e as formas de seu corpo ocorre um resgate de sua identidade através de uma memória ancestral “As minhas digitais. Elas são tecnologias selvagens que desbloqueiam mensagens, segredos, ofensas, tratados, reconciliações, números que pagam.” (p.38), ou seja, um corpo que carrega a herança de um povo e essa fortuna deve ser acolhida como identidade.

Essa identidade é elevada no último parágrafo do conto onde aponta um reconhecimento da imagem de si “Aquece meu corpo, me queima os fatos, me exhibe monstruosa e com dentes pontiagudos. Esses dois seios à mercê da gravidade de quem

sou. E um cabelo que, espero, me faça sombra.” (p. 38). Portanto, o conto encerra demonstrando o encontro da narradora consigo mesma, o reconhecimento de sua identidade e o desejo de que esse corpo descanse, pois as formas de violências mudam, mas o corpo negro continua a experienciar desafios e adversidades. O apagamento da história de seu povo gera o apagamento de sua identidade, logo, o eu lírico não se identifica com o espaço e com o corpo em que habita e isso é também uma violência. Ao perceber essa violência ela também reconhece suas potencialidades e deseja seu merecido descanso, demonstrando assim sua formação de identidade enquanto sujeito que habita um determinado espaço pertencente a uma estrutura social de violência.

Zacimba Gaba

O cordel inicia com a estrofe da apresentação da heroína Zacimba Gaba, pertencente ao reino de Cabinda - região de Angola, ela foi uma princesa vinda para o Brasil na condição de escravizada e desembarcou no estado do Espírito Santo, onde viveu até sua morte. Por ser considerada “negra rebelde”, desde sempre foi bastante castigada, mas não se deixava abater e mantinha sua postura de princesa que despertou a ira e a inveja do escravagista José Trancoso, como aponta a estrofe a seguir.

Mas Trancoso ouviu falar
Que Zacimba era princesa
E tomado por despeito
Quis tirar essa certeza
Mandando que lhe trouxessem
Arrastada com dureza. (Arraes, 2020. p.158)

A história narrada no cordel, apresenta as violências (especialmente a violência física) que as pessoas negras sofriam e seus corpos sempre foram documentados com essas experiências de violência. Além disso, mostra também como as pessoas escravizadas tinham expertise e conhecimentos intelectual e estratégico que lhes ajudavam na resistência desses desafios. Em continuidade, as estrofes que se seguem

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

cantam a manutenção da tradição e ancestralidade que os fortalece e dá suporte para enfrentar o opressor.

Pelas noites, da senzala
Um alto canto se escutava
Era a princesa Zacimba
Que aos orixás cantava
Por justiça e liberdade
Todo dia ela clamava.

Ao longo do tempo duro
Zacimba se fortaleceu
E sofria com seu povo
Por tudo que aconteceu
Mas tramava uma saída
O final triunfo seu. (Arraes, 2020. p.159)

A história de Zacimba continua com a trama de destruição de Trancoso seguida da fuga dos escravizados daquela fazenda. A princesa envenenou o alimento do barão aos poucos, com pequenas doses de veneno retirado da cabeça de uma cobra jararaca, demonstrando seu conhecimento e domínio das técnicas de medicina natural. A competência em outras ciências como geografia, engenharia, administração, agricultura, etc. se revela no desenvolvimento de um quilombo liderado por Zacimba, uma vez alcançado com êxito o objetivo de fugir da fazenda com seus companheiros, a princesa administrava sua comunidade gerindo com mestria a organização e manutenção de seu povo.

Em continuidade, após se estabelecer com seu povo no quilombo, Zacimba liderou ataques a navios negreiros que pretendiam ancorar no porto do Espírito Santo. Assim como o dragão do mar, ela comandava ataques aos navios com fogo e armas de construção artesanal, é especialmente nesse aspecto que podemos perceber a semelhança nas formas de resistência do povo negro, pois em uma situação precarizada o que há de principal elemento para enfrentamento é seu corpo, incluindo nesse corpo o seu intelecto (ori) que os ajuda nas adversidades. Teve sucesso em muitas batalhas e

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap)
Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

libertou muitos negros do sequestro escravagista. A princesa morreu em combate numa luta com um navio que surpreendeu.

Encaminhando-se para as estrofes finais do cordel, o eu lírico destaca o objetivo da autora com a elaboração da coletânea sobre heroínas negras, assinalando o apagamento dessas histórias e a importância de manter viva a tradição que revela a resistência de um povo que foi pilar fundamental na história de seu país.

Assim como foi Zacimba
De Angola escravizada
Muitas outras também foram
No Brasil que castigava
Mas o espírito de luta
Nenhum branco lhes matava.

Tenho orgulho de Zacimba
De ser parte de sua gente
Meu cabelo e minha pele
O meu sangue aqui corrente
São herança da princesa
De bravura coerente. (Arraes, 2020. p. 162)

Essas estrofes finais demonstram a relação do eu lírico com a história da heroína cantada no cordel através da identificação das características corporais e de personalidade, especialmente nos versos “Meu cabelo e minha pele/ O meu sangue aqui corrente/ São herança da princesa/ De bravura coerente”. Aqui também é possível estabelecer diálogo com o eu lírico do conto *Mais iluminada que as outras*, pois os aspectos do seu corpo são reveladores dessa relação de ancestralidade com seus antepassados que forma sua identidade. Além disso, mostra também a pertinência de preservação dessa história e como a resistência aos desafios é recorrente na narrativa dos povos escravizados.

Conclusão

Este trabalho buscou analisar o conto *Mais iluminada que as outras* em diálogo com o cordel *Zacimba Gaba* sob a perspectiva do conceito de corpo-documento (Ratts/Nascimento, 2006), compreendendo o corpo como um elemento que registra as adversidades enfrentadas pelas pessoas negras e que esses corpos carregam em si a história de um povo, ou seja, uma história individual e também coletiva.

Destaca-se que a obra *Heroína negras brasileiras: em 15 cordéis* foi elaborada com a intenção de iluminar as histórias de mulheres negras que foram protagonistas e tiveram papel importante na História do Brasil. Com o objetivo de expandir o acesso a essas histórias, em 2020 a autora Jarid Arraes fechou parceria com grande editora que proporcionou o incentivo para leitura e estudo dessa coletânea em escolas de todo o Brasil, bem como uma ampla divulgação nas plataformas midiáticas. A edição conta, ainda, com ótimas ilustrações e, ao final de cada cordel, há uma mini biografia de cada mulher narrada, deste modo, proporciona o acesso a essas histórias de maneira poética e também de forma mais didática. Além disso, o livro se encerra com uma lista de fontes (artigos, dissertações, teses, etc.) onde os leitores podem conferir informações e pesquisar mais sobre as heroínas ali apresentadas.

É pertinente ressaltar que sua primeira edição foi publicada em 2017 de forma independente, somente após considerável sucesso de vendas é que a autora recebeu propostas de parceria mais robustas. A edição de 2020 conta também com um espaço aberto para o leitor escrever seu próprio cordel sobre outras mulheres negras protagonistas de uma história coletiva, proporcionando incentivo à formação de leitores e fortalecimento no processo de autoria que se estende aos leitores da obra, especialmente ao público escolar. Todos esses recursos tornam o livro mais didático e facilita o trabalho com essa obra em escolas, clubes de leitura e outros espaços, caracterizando-o como obra mais acessível para o público em geral, ou seja, tornando a literatura menos elitizada e exclusiva.

<https://periodicos.unifap.br/estacaocientifica>

Revista do Departamento de Letras e Artes (Depla) da Universidade Federal do Amapá (Unifap) Macapá, v. 10, n. 1, 2024.

Esse destaque de sucesso para as obras de Arraes, rendeu contrato para a elaboração da obra *Redemoinho em dia quente*, que é o livro de contos onde a autora transita também pelo cordel a partir da intertextualidade presente nos contos. Essa intertextualidade foi mostrada aqui no diálogo entre o conto e o cordel - *Mais iluminada que as outras* e *Zacimba Gaba* - que demonstra semelhanças no que se refere aos modos de resistência, à preservação da tradição e da memória, e ao apagamento das histórias de personagens importantes que foram exemplo de resistência.

Aponta-se que a autora demonstra uma posição ético-política de reparação histórica acerca do epistemicídio das histórias de pessoas negras. Sua postura de escrever literatura de cordel com temas diferentes do que costuma aparecer nesse gênero como fantasia e humor, além de ser uma literatura majoritariamente masculina, revela uma decisão que se pretende contar a história dos vencidos, como reforça Djamila Ribeiro (2017) referenciando Walter Benjamin “queremos e reivindicamos que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada por nossas perspectivas e não somente pela perspectiva de quem venceu” ao pensar o “lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (Ribeiro, 2017).

Arraes parece olhar para o passado com o desejo de escovar a história a contrapelo como defende Walter Benjamin nas suas teses sobre o conceito de História, pois apresenta uma postura de ler o passado não como aceitação ou conformismo, mas sim, rever esse passado criticamente e contar outra versão, a partir de um lugar de fala diferente do ponto de vista do vencedor. É possível perceber essa postura de autoria crítica também nas obras de escritoras como Eliana Alves Cruz e Conceição Evaristo.

Para finalizar, é válido apontar que, em geral, os corpos negros são lidos pela exploração do trabalho braçal, mas a análise do conto e do cordel destaca também a capacidade intelectual desses corpos ao tratar de dois personagens que foram importantes articuladores no enfrentamento dos desafios, além dos conhecimentos de

agricultura, de mineração e de medicina, entre outros que o povo negro trouxe consigo e que revela a sabedoria dos cuidados com o corpo, este que documenta uma história individual e coletiva.

Referências

- ARRAES, Jarid. *Redemoinho em dia quente*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.
- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Seguinte, 2020.
- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito da história*. In: *Obras escolhidas*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kwanzaa, 2006.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.
- <https://cearacriolo.com.br/zacimba-gaba-a-princesa-angolana-escravizada-que-lutou-pela-liberdade-de-seu-povo/> acesso em 25 de novembro de 2022.
- <http://www.dragaodomar.org.br/institucional/dragao-do-mar-na-historia-do-ceara> acesso em 27 de novembro de 2022.